

Enunciação e memória discursiva: análise do verbo “sextar”

Luiz Francisco Dias*
Thalita Nogueira Dias**

Resumo

Este trabalho analisa o funcionamento enunciativo do verbo “sextar” a partir da semântica da enunciação. Com base nos aportes teóricos de Guimarães (1996, 2018) e Dias (2018), observa-se que o verbo opera como predicação autonômica (Nogueira Dias, 2022), abrigando internamente uma formação nominal vinculada à memória discursiva da sexta-feira como marco simbólico entre trabalho e lazer. Foram examinadas seis redes enunciativas, com dados coletados no *X* (antigo *Twitter*). O procedimento de constituição de redes enunciativas está associado à teoria fundamentada (TF), de Glaser e Strauss (1967), evidenciando diferentes modos de atualização da memória e de construção da pertinência enunciativa. A análise demonstra que “sextar” funciona de forma semelhante a verbos de fenômenos da natureza, ativando sentidos mesmo sem sujeito gramatical explícito. Além disso, sua produtividade morfossintática permite usos variados, como gerúndio, infinitivo e formas substantivadas, tornando-se índice de experiências individuais e coletivas. A circulação do verbo revela o entrelaçamento entre linguagem, tempo social e identidade, confirmando que o sentido se constitui na articulação entre memória e atualidade.

Palavras-chave: enunciação; memória discursiva; predicação autonômica; verbo *sextar*; redes enunciativas.

* Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Doutor em Linguística. Professor Titular da UFMG. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0819-4797>.

** Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Doutora em Estudos Linguísticos. Pesquisadora do Núcleo ENUNCIAR. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1190-7700>.

Enunciation and Discursive Memory: An Analysis of the Verb ‘Sextar’

Abstract

This work analyzes the enunciative functioning of the verb *sextar* (to celebrate the arrival of Friday) based on the semantics of enunciation. Drawing on the theoretical contributions of Guimarães and Dias, it is observed that the verb operates as an autonomous predication (Nogueira Dias, 2022), internally housing a nominal formation linked to the discursive memory of Friday as a symbolic marker between work and leisure. Six enunciative networks with data collected from *Twitter* (“X”) were examined. The procedure for constituting enunciative networks is associated with grounded theory (GT), by Glaser and Strauss (1967), highlighting different ways of updating memory and constructing enunciative pertinence. The analysis demonstrates that *sextar* functions similarly to verbs of natural phenomena, activating meanings even without an explicit grammatical subject. Furthermore, its morphosyntactic productivity allows for varied uses, such as gerund, infinitive, and substantivized forms, making it an index of individual and collective experiences. The circulation of the verb reveals the intertwining of language, social time, and identity, confirming that meaning is constituted in the articulation between memory and the actuality.

Keywords: enunciation; discursive memory; autonomous predication; verb *sextar*; enunciative networks.

Recebido em: 01/07/2025 // Aceito em: 26/11/2025

Introdução

O presente trabalho tem por objetivo analisar o funcionamento enunciativo do verbo “sextar” a partir da perspectiva da semântica da enunciação, especialmente nos moldes teóricos propostos por Guimarães (1996, 2018) e Dias (2018). Especificamente, pretendemos descrever como o verbo “sextar” opera como predicação autonômica. Além disso, buscamos examinar, por meio de seis redes enunciativas, os modos de ativação da memória discursiva associados à sexta-feira como marco simbólico entre trabalho e lazer. Por fim, intentamos analisar a produtividade morfossintática e a plasticidade semântico-discursiva de “sextar”, incluindo seus usos em diferentes formas verbais (gerúndio, infinitivo, particípio), sua nominalização (o “sextou”) e suas variações irônicas, críticas ou identitárias.

Tendo em vista a crescente circulação desse verbo nas práticas sociais contemporâneas, especialmente em redes digitais, interessa-nos compreender de que modo ele ativa uma memória discursiva historicamente constituída, neste caso, a da sexta-feira como marcador simbólico da transição entre o trabalho e o não-trabalho, operando com alto grau de autonomia predicativa e articulando sentidos que se modulam no acontecimento da enunciação. Para tanto, mobilizamos o conceito de predicação autonômica, que se refere àquelas construções em que o verbo abriga internamente a formação nominal que o sustenta, dispensando, assim, uma base predicativa externa (como um sujeito gramatical explícito).

A análise parte do entendimento de que o sentido não se dá apenas na literalidade da forma linguística, mas emerge da

relação entre os traços discursivos memorizados e as forças do presente do enunciar. Nesse sentido, a memória não é concebida como repositório de conteúdos passados, mas como uma rede de já-ditos que se reconfiguram continuamente, como sustentam Pêcheux (1990) e Achard (1999). O verbo “sextar”, ainda que recente, condensa uma formação nominal internalizada (sexta-feira) que aciona o referencial histórico da periodização, tal como proposto por Dias e Nogueira Dias (2024) na categorização dos verbos de fenômenos naturais. A produtividade morfossintática e a versatilidade semântica do verbo serão analisadas por meio de seis redes enunciativas, cada uma delas reveladora de diferentes formas de ativação da memória e de construção da pertinência enunciativa.

Metodologicamente, utilizamos o procedimento de redes enunciativas, que se constitui como instrumento de descrição e comparação entre enunciados, a fim de evidenciar suas articulações formais e discursivas. Os dados foram coletados no X^1 , espaço digital em que a linguagem se realiza em sua forma mais viva, performativa e circunstanciada. A hipótese que orienta este trabalho é que o verbo “sextar” se comporta de forma semelhante aos verbos de fenômenos da natureza no português, pois veicula um acontecimento social coletivo marcado pela recorrência e regularidade do calendário (a sexta-feira) e que, por isso, sua forma verbal carrega, reorganiza e atualiza sentidos a partir da memória discursiva de periodização.

¹ A denominação *Twitter* foi alterada para *X* em 24 de julho de 2023. Essa alteração visou transformar a plataforma em um “super aplicativo” com diversos recursos, como pagamentos e outras funcionalidades, além de mídia social. Apesar da mudança, o *X* ainda é, em larga escala, reconhecido pelo antigo nome.

Memória e enunciação

Pêcheux (1990) critica a concepção neurobiológica da memória como algo individual e localizado no cérebro. Propõe, em contrapartida, que a memória é um corpo coletivo de traços discursivos, inscritos social e historicamente nos discursos, e não na dimensão orgânica ou cognitiva do indivíduo. Essa memória social é um complexo de índices legíveis, preexistente ao indivíduo.

O interdiscurso é o cerne da memória discursiva. Compreendido como o conjunto de formulações anteriores que sustentam novos enunciados, ele é uma exterioridade constitutiva de todo dizer. A memória, assim, não é um conteúdo armazenado, mas uma rede de “já-ditos” que condicionam o possível da enunciação. Pêcheux (1999) argumenta que o sentido é um efeito do trabalho discursivo que mobiliza essa memória interdiscursiva. O discurso, dotado de materialidade sócio-histórica, depende fundamentalmente do interdiscurso para sua constituição.

Achard (1999) corrobora essa visão, defendendo que os implícitos não são fixos, mas efeitos de reconstrução discursiva na enunciação. O sentido de um enunciado depende da relação com outros discursos, sendo o implícito um efeito de interdiscurso, fruto da tensão entre regularidade linguística e história. A memória, para o autor, não restitui frases passadas, mas opera com “derivações de possíveis” em um “jogo de força” entre formas linguísticas e o histórico. Implícitos são reconstruídos na enunciação, desde que permitam inserção por paráfrase.

Essas concepções de Pêcheux (1999) e Achard (1999) fundamentam a noção de enunciação de Guimarães (1996, 2018) e Dias (2018). A enunciação é vista como acontecimento de linguagem, em que a língua funciona pelo interdiscurso, ligando o presente do dizer à memória. A pertinência social de um acontecimento surge quando a memória se relaciona com a atualidade do dizer, reorganizando traços de significações passadas. O “já-enunciado” atua com base em um imaginário memorizado. Guimarães (1996) destaca que a memória na língua não é soma de usos passados, mas condição para o confronto entre o dizível e o presente. As formas linguísticas, em sua latência, são potencialmente “outra coisa” diante da enunciação.

No entender de Guimarães,

as formas da língua são o que são pela história de suas enunciações. Uma forma é na língua o que ela se tornou pela história de seus funcionamentos na enunciação. [...] o que uma língua é, em certo momento, tem a marca de como ela funcionou nas enunciações em que a língua se pôs a funcionar (Guimarães, 1996, p. 27).

Ele destaca que as formas linguísticas não são fixas ou independentes e, na enunciação, o presente do dizer se confronta com a memória do interdiscurso, produzindo sentido a partir dessa relação.

Dias (2018, p. 86-87) ilustra essa relação entre a memória e o presente do dizer com a análise da manchete “Ei, você aí, me dá um partido aí...” da revista *Veja*, que ecoa a marchinha de carnaval “Me dá um dinheiro aí”. A regularidade gramatical da projeção de objeto do verbo “dar” torna-se crucial para que a memória discursiva encontre um ponto de contato com a pertinência enunciativa da atualidade do dizer. A sobreposição do termo “partido”, no lugar de “dinheiro”, na manchete da revista,

evocando a marchinha, não é meramente uma substituição. Trata-se de um “lugar de contato entre uma memória e uma atualidade, um lugar de apontamento”. Essa interdiscursividade permite que a revista atualize o sentido de “partido”, imbuindo-o de pertinências relacionadas a interesses financeiros, e não apenas a ideais, no contexto político brasileiro.

Nessa análise, o verbo “dar” arregaça “lugares de objeto”. Esses lugares não são as formações nominais em si (“um partido”, “me”), mas os espaços que o verbo projeta para abrigá-las. Um segmento sintático adquire articulação interna porque seus constituintes já participaram de outras unidades, em diversos domínios de enunciação da língua. Por exemplo, o verbo “perder” traz consigo uma “memória de um lugar de objeto”, um espaço que já foi ocupado por diversos referentes em enunciados passados (como “livro”, “dedo”, “amor”, “apetite”). Segundo Dias (2018, p. 85-86), essa regularidade de convocação da memória de lugar de objeto persiste, mesmo quando nenhum referente específico o ocupa na enunciação atual (“Quem perde mais, ganha menos”).

A concepção de que os lugares de objeto na sintaxe se constituem como espaços para que unidades lexicais adquiram novas dimensões de sentido é central. O fazer sentido não se limita a eventos ou ao tempo cronológico, mas se associa a uma dimensão pressuposta e implícita da realidade objetiva – a instância da memória, ligada à interdiscursividade. A identidade da forma linguística inclui uma dimensão enunciativa, em que a exterioridade assume o caráter de memória social e histórica. O locutor não possui acesso irrestrito a esse campo de memória, pois ele se configura em recortes discursivos historicamente delimitados. Assim, a identidade do linguístico é produzida em

relação com o discursivo. Em suma, a relação constitutiva entre as formas linguísticas (sintaxe e léxico) e a memória discursiva é fundamental para a constituição de sentido e a dinâmica da enunciação.

A articulação entre memória e enunciação revela uma dialética entre estabilidade e ruptura, entre a regularização dos discursos e a irrupção dos dizeres em acontecimento. Como resume Achard (1999, p. 17), a memória é “suspensa em vista de um jogo de força” que redefine os sentidos. Já Pêcheux (1999) destaca que a memória é um “espaço móvel” de conflitos onde o real histórico se inscreve como “outro exterior”.

Essa perspectiva teórica oferece ferramentas para analisar como os discursos se constituem em diferentes domínios (político, midiático, literário etc.), evidenciando a imbricação entre linguagem, história e poder. Ao situar a enunciação no cruzamento entre a materialidade linguística e a memória discursiva, abre-se caminho para investigar não apenas o que é dito, mas como os dizeres se tornam possíveis, e como resistem ou se transformam no tempo.

Enunciação, memória histórica e predicação

Como vimos, em uma abordagem enunciativa, a significação surge da relação entre as demandas do presente da enunciação e a memória de enunciados anteriores, conforme Guimarães (2018). O enunciado é a unidade linguística que se forma a partir dessa dinâmica temporal: sua formulação, estabilizada pelas regularidades da língua, resulta da interação entre os tempos da memória discursiva e as necessidades de significar o

presente. Isso projeta condições de interpretação futuras, após a formulação dos enunciados.

Para Dias (2018), a constituição de sentidos está ligada à dinâmica enunciativa da produção do enunciado. O sentido é constituído pela relação entre o referencial histórico (da memória) e a pertinência enunciativa (das demandas do presente do enunciar) no acontecimento da enunciação. O referencial histórico abrange o memorável de outros dizeres – o “já enunciado” – e os domínios de ancoragem do enunciado, considerando seu funcionamento histórico-social.

O conceito de referencial histórico baseia-se na distinção de Foucault (1969) entre referência e referencial. Dias (2018, p. 99) argumenta que o referente do enunciado, o que é “posto em jogo”, não se limita ao “que é dito”, mas também ao “de que fala”. Essa distinção, embora sutil, é útil para abordar a relação entre linguagem e exterioridade sob a ótica da enunciação. Foucault (1969) considera, por “de que fala”, os domínios em relação aos quais palavras ou sintagmas significam, não pelas suas singularidades, mas pelas relações que o enunciado que as absorve estabelece. Essas relações formam um domínio de referências ou referencial.

Em conjunto com o referencial histórico, Dias (2018) propõe o conceito de pertinência enunciativa. Os enunciados também significam pela pertinência enunciativa contraída em determinado espaço de enunciação. O conceito de pertinência não se refere a “dizer algo adequado a uma situação”, mas à projeção de um espaço de consistência no presente do enunciar.

Em relação a isso, a pertinência enunciativa diz respeito à adesão do enunciado aos determinantes atuais da enunciação, os quais não se limitam às circunstâncias empíricas, mas abrangem

também os efeitos simbólicos da posição enunciativa. Portanto, essa pertinência não se refere à adequação situacional do dizer, mas às forças de adequação determinadas por quem diz, para quem se diz, por que se diz etc.

Dias (2018) chama de pertinência enunciativa a relação que um enunciado mantém com os determinantes da enunciação na atualidade, incluindo outros enunciados do presente do enunciar. A pertinência enunciativa baseia-se na ideia de adesão. Como seres de linguagem e historicamente constituídos, somos compelidos a responder, interpretar e intervir enunciativamente nas situações. Essa “demanda do presente” é o que se denomina pertinência enunciativa.

No acontecimento enunciativo, formas linguísticas tornam-se formações nominais (FN). O termo “formação nominal”, aqui, é mais abrangente do que aquele utilizado na morfologia, referindo-se ao processo de constituição da nominalidade, que pode se materializar em unidades sintagmáticas simples (“dedo”), complexas (“as árvores floridas”) ou pronominais (“você”). Tradicionalmente, são sintagmas nominais ou grupos nominais. Contudo, a FN pode não se materializar em unidades orgânicas. Ela pode se mostrar pertinente nas articulações sintáticas, sem se materializar como um sintagma nominal externo ao predicado.

Em muitos casos, o verbo carrega a nominalidade, como em “vacinar”, “florir”, “transitar”, “churrasquear”, “siliconar”, “chover”, “ventar”, “trovejar”, “relampejar”. “Vacinar”, “florir” e “transitar” são verbos consolidados, configurando as noções de aplicação de vacinas, surgimento de flores e percurso no trânsito, respectivamente. “Churrasquear” e “siliconar” mostram a produtividade desse processo na formação de novas palavras, significando “churrasco” como evento e “silicone” na aplicação

estética. Nos verbos de fenômenos da natureza (“chover”, “ventar”, “trovejar”, “relampejar”), a presença de nominalidade na perspectiva verbal é ainda mais evidente. “Chover” é “chuva” como evento, e o mesmo ocorre com “ventar”, “trovejar” e “relampejar”, que representam “vento”, “trovão” e “relâmpago” como eventos. Nesses verbos, os eventos não são motivados por um sujeito gramatical externo ao verbo, por isso construções como “Eu chovi” ou “Carlos relampejou” são estranhas ao português. Já “Eu transitei por esta rua”, “o canteiro floresceu”, “Carla casou-se recentemente” são correntes.

Em Dias e Nogueira Dias (2024), propusemos uma abordagem do estatuto enunciativo dos verbos de “fenômenos da natureza” para explicar como formações nominais como “vento”, “trovão” e “relâmpago” podem se instalar no âmbito predicativo, gerando predicções autônomas, sem exigir uma base predicativa externa. Nesses casos, a FN no verbo produz uma autonomia predicativa que permite sentenças com apenas um verbo: “Choveu!”.

A dinâmica do significar, do ponto de vista da enunciação, exige posicionamento e produção de perspectivas. As formações nominais adquirem pertinência e adesão no enunciado pelas articulações sintáticas. Na articulação predicativa, o verbo sai do infinitivo pela necessidade de posicionamentos e pertinência. Segundo Dias (2015, p. 121), a ocupação do lugar de “sujeito” ativa a predicação pela relação entre o enunciável (referenciais históricos) e a organicidade das articulações linguísticas. A predicação ocorre pelo deslocamento do verbo do estado de virtualidade (infinitivo). Esse movimento é promovido pelas FNs, sejam as que se materializam em sintagmas no lugar do sujeito, sejam as que não se materializam e formam amálgamas.

Em predicados com “fenômenos da natureza”, os verbos têm alta nominalidade, amalgamando-se na própria FN, que funciona como base de predicação. O verbo pode abrigar a FN, base da predicação, caracterizando a predicação autonômica. Nesses predicados, os verbos de fenômenos naturais têm autonomia para condensar a base predicativa e realizar uma predicação autônoma (“ensolarou”), sem explicitar a base (“sol”), e ainda permitem a nucleação de uma base autônoma fora do predicado (“o dia ensolarou”).

Em suma, as formações nominais organizam a constituição da nominalidade, podendo se materializar em sintagmas ou serem carregadas pelo verbo, como em “chover”. Verbos de fenômenos da natureza podem abrigar a FN, gerando predicações autônomas, como “Choveu!”. Veremos que o verbo “sextar” apresenta um comportamento semelhante.

Antes da análise dos dados com esses verbos, vamos apresentar resumidamente os contornos metodológicos da abordagem.

Procedimentos metodológicos

O estudo emprega uma análise enunciativa com metodologia de descrição focada e abordagem qualitativa, utilizando o procedimento de “rede enunciativa”. Esse método está associado à teoria fundamentada (TF), de Glaser e Strauss (1967), que se baseia na observação sistemática, comparação, classificação e análise de similaridades e dissimilaridades de dados. A TF recomenda coleta sistemática e constante comparação e

codificação dos dados para construir memos teóricos que, ao final, formam a teoria.

Redes enunciativas são artefatos metodológicos que evidenciam o espaço integrativo do enunciado, captando articulações de formações nominais (FN), tanto internamente a uma unidade nominal quanto em enunciados sentenciais mais amplos. Uma rede agrupa construções linguísticas para evidenciar articulações, demonstrando relações linguísticas que fortalecem a tese da constituição articulatória da unidade enunciativa, motivada pelo acontecimento histórico da enunciação. A rede é construída em torno de um ponto de observação comum nas construções e se diferencia de outras redes no mesmo campo argumentativo.

A abordagem não exige um *corpus* predefinido; a entrada dos dados é filtrada pela configuração da rede enunciativa. A sistematização dos dados foca nos parâmetros da formação da rede, não na origem das construções linguísticas.

Os dados deste estudo foram coletados, em 2024 e 2025, no “X” (antigo *Twitter*), uma rede social que apresenta a língua em uso e capta enunciados em uma dimensão social contemporânea. A seleção manual dos dados na caixa de buscas e a dinamicidade do uso da língua justificam a escolha, sendo o “X” uma ferramenta de pesquisa utilizada por diversos pesquisadores².

Foram buscadas ocorrências de predicções com suporte orgânico no verbo “sextar”, observando-se suas desinências verbais (tempo, número, modo e formas nominais). Esse verbo não aparece dentre os “verbos de fenômeno da natureza” nas gramáticas da língua portuguesa.

² Dentre esses estudos, destacamos: Baldez (2022), Signorini e Lucena (2023), Mayer (2025), Oliveira e Marciano (2022), Carneiro *et al.* (2025).

Em Nogueira Dias (2022), os verbos considerados de fenômeno da natureza foram distribuídos em três referenciais históricos: afluência (chover, nevar, neblinar e outros), ocorrência (trovejar, ventar, esfriar e outros) e periodização (amanhecer, anoitecer, entardecer).

Sextar: formação nominal, predicação e memória

Apresentaremos a seguir a análise de seis redes enunciativas, tendo em vista os fundamentos teóricos formulados anteriormente.

Quadro 1 – Rede enunciativa 1³

(a)	Sextou, sextou! E aí, qual a boa pro fim de semana?
(b)	Sextou né? Me deu uma saudade de aprontar, beber e ficar loucona, me arrumar, se montar toda, passar umas vergonhas bêbada, chegar em casa com o sol estalando e depois ficar arrependida do que eu fiz. Saudades do que eu já vivi 😊😭🤔
(c)	Sextou... e nós tá como?
(d)	Quero guerra com ninguém! Sextou bebê
(e)	Sextou e eu queria só dançar forró e beber um tiquinho. É pedir muito?

Fonte: Elaboração própria.

A rede enunciativa 1 traz enunciados como “Sextou!”, “Sextou, né?” e “Sextou e eu queria só dançar forró...”. Nessa rede, temos a evidência mais marcante da predicação autonômica,

³ Exemplos retirados de: (a) @liruvt (Disponível em: <https://x.com/liruvt/status/1938575256362655902>); (b) @alvess01_ (Disponível em: https://x.com/alvess01_/status/1580898756790480898); (c) @TonyStark_ofe (Disponível em: https://x.com/TonyStark_ofe/status/1938556984632258630); (d) @soucamilax (Disponível em: <https://x.com/soucamilax/status/1921025465516532214/photo/1>); (e) @Isa_bel23 (Disponível em: https://x.com/Isa_bel23/status/1580855887337426945). Acessos em: 27 jun. 2025.

tal como definida por Dias (2018): um tipo de predicado cuja base nominal está incorporada no próprio verbo, dispensando a presença explícita de um sujeito gramatical externo. O verbo “sextar” surge, nesse contexto, como resultado de uma formação nominal internalizada, derivada de “sexta-feira”, que, por sua vez, carrega forte memória discursiva relacionada à transição entre o trabalho e o lazer.

Do ponto de vista da memória discursiva, “sexta-feira” figura como um indexador da divisão semanal que opõe trabalho e descanso. Essa memória de divisão temporal se atualiza em “sextar”, que incorpora o valor simbólico e social do dia, o alívio da chegada do fim de semana, o início da descontração. Conforme o referencial teórico, tal configuração está relacionada à periodização, um dos três grandes referenciais históricos que organizam os verbos de fenômenos da natureza (Nogueira Dias, 2022).

No plano da pertinência enunciativa, a estrutura dessas frases revela uma forte adesão à situação comunicativa contemporânea, em que “sextar” funciona como marcador discursivo de partilha coletiva. Trata-se de uma performance identitária: dizer “sextou” é dizer “eu estou na expectativa/experiência de lazer”, sem necessidade de descrição direta. É um ponto de intersecção entre a memória da periodização e a demanda atual por expressar pertencimento social.

Além disso, nota-se que esses enunciados prescindem de estrutura sintática completa: a ausência de sujeito (“eu”, “nós” etc.) não compromete a interpretação, pois a base de predicação já está no verbo. A predicação, portanto, é autônoma, porque a forma verbal abriga a formação nominal e ativa sentidos com base em sua relação com a memória coletiva do tempo.

A sentença “Sextou!!!” é perfeitamente compreendida em sua autonomia predicativa. Isso demonstra como a formação nominal “sexta”, embora não materializada como um sintagma nominal sujeito, está semanticamente presente no verbo, tornando-o autossuficiente para expressar o acontecimento da chegada da sexta-feira e, por extensão, o início do período de folga. A memória discursiva, aqui, não apenas fornece a base referencial para o verbo, mas também valida a sua capacidade de operar sem um “sujeito” externo (mas por meio de uma FN incorporada no próprio verbo), algo incomum para a maioria dos verbos em português.

Essa rede confirma a tese de que o verbo “sextar” não depende de uma estrutura sintática tradicional, canônica, mas de uma articulação enunciativa que opera entre a latência da memória histórica (na formação nominal “sexta-feira”) e o presente do dizer.

Passemos agora à segunda rede enunciativa:

Quadro 2 – Rede enunciativa 2⁴

(a)	Sextou em casa, longe dos perigos noturnos
(b)	Sextou com S de sempre em casa
(c)	Mais um sextou em casa 
(d)	sextou sem dinheiro na conta
(e)	sextou chovendo não é sextou

Fonte: Elaboração própria.

4 Exemplos retirados de: (a) @iamddz (Disponível em: <https://x.com/iamddz/status/1705413111581155720>); (b) @fiel_002 (Disponível em: https://x.com/fiel_002/status/1771157501624414337); (c) @Leozim_LZ (Disponível em: https://x.com/Leozim_LZ/status/1811915821091881399); (d) @CLEMENTAUM (Disponível em: <https://x.com/CLEMENTAUM/status/1783969627367674133>); (e) @reprincesa_ (Disponível em: https://x.com/reprincesa_/status/1494620235567190018). Acessos em: 27 jun. 2025.

Na rede enunciativa 2, observamos enunciados como “Sextou em casa, longe dos perigos noturnos” e “sextou sem dinheiro na conta”. Aqui, o verbo “sextar” também opera com predicação autonômica, mas sua atualização enunciativa se dá em tensão com a memória discursiva canônica que associa a sexta-feira ao prazer e à descontração. Em vez de avivar diretamente o imaginário coletivo da diversão, como na rede enunciativa 1, essa rede revela uma frustração dessa expectativa socialmente construída. Há uma torção na regularidade de “sextar”, que geralmente pressupõe lazer fora de casa. Nesses usos da rede, essa regularidade da memória está alterada por circunstâncias adversas (falta de dinheiro, chuva, permanência em casa).

Do ponto de vista da memória discursiva, essas construções mobilizam o mesmo referencial histórico da periodização, que define a sexta-feira como fronteira simbólica entre o trabalho e o descanso. No entanto, em vez de atualizar diretamente essa memória de liberdade e celebração, os enunciadores aqui evocam a ausência ou impossibilidade desse rito social. A memória se reorganiza enunciativamente como carência: o que “deveria” ocorrer em uma sexta-feira é substituído por um estado de “desvio”. Isso exemplifica a ideia de interdiscurso como espaço móvel (Pêcheux, 1990), em que o sentido não se repete, mas se reconstrói na tensão entre regularidade e ruptura.

Enunciativamente, o verbo “sextar” segue funcionando sem a necessidade de um sujeito externo, reforçando a hipótese da predicação autonômica. Mesmo quando acompanhado por adjuntos como “em casa” ou “sem dinheiro”, a base predicativa está condensada na forma verbal. Trata-se de uma nominalidade internalizada que mantém seu núcleo semântico, mesmo sob

modulação circunstancial. O foco, aqui, está na pertinência enunciativa negativa: o presente do enunciar se organiza a partir da negação da expectativa habitual (“sextar com S de sempre em casa”).

Importa notar, ainda, a emergência de um efeito irônico ou melancólico na rede, que só é possível porque o verbo carrega consigo uma memória estável e reconhecível. A negação ou subversão de “sextar” só é inteligível enquanto tal porque há uma expectativa histórica fortemente marcada sobre o que essa forma deve significar. Isso confirma a noção de que a latência da forma linguística (Guimarães, 1996) permite a reconstrução do sentido com base na tensão entre o dito e o que poderia ou deveria ter sido dito ou feito.

Essa rede, portanto, aprofunda a compreensão do verbo “sextar” como um índice temporal e experiencial que, mesmo em sua frustração, continua a operar enunciativamente como marcador de periodização. A negatividade que aparece nos enunciados não anula sua autonomia predicativa, mas a enriquece, demonstrando sua plasticidade semântica no âmbito do funcionamento da memória discursiva e da pertinência enunciativa.

A pertinência enunciativa, neste caso, está na demanda de expressar um “sextar” atípico, em que as circunstâncias atuais (ficar em casa, falta de dinheiro) modificam o sentido tradicionalmente festivo da sexta-feira.

Vejamos, a seguir, a terceira rede analisada:

Quadro 3 – Rede enunciativa 3⁵

(a)	Sextou dando faxina na casa 🧹🧹🧹
(b)	sextou com muito estudo acumulado do cursinho, água pra repor as lágrimas, e minha vitamina ante estresse e ansiedade
(c)	engolindo o choro e trabalhando passando mal, sextou.
(d)	Sextou! O trabalho não para
(e)	Sextou trabalhando e dando like em foto de cerveja no story dos outros

Fonte: Elaboração própria.

A rede enunciativa 3 articula enunciados como “Sextou dando faxina na casa”, “Sextou com muito estudo acumulado” e “Sextou! O trabalho não para”. Nessa rede, observa-se que o verbo “sextar” mantém seu funcionamento como predicado autonômico, embora a pertinência enunciativa revele uma inflexão crítica: não se trata da negação da memória da sexta-feira, como na rede enunciativa 2, mas do seu deslocamento funcional. A memória discursiva da sexta-feira como espaço do “não-trabalho” permanece ativa, mas o acontecimento enunciativo aponta para sua violação. “Sextar”, aqui, é trabalhar, estudar, faxinar – ações que contradizem o imaginário da folga e do lazer.

Nesse sentido, o referencial histórico da periodização continua operando como pano de fundo da significação. A sexta-feira, no imaginário social, ainda é concebida como marco de

⁵ Exemplos retirados de: (a) @jeh_paranhoscrf (Disponível em: https://x.com/jeh_paranhoscrf/status/1375528625974472706); (b) @2nvoltolini (Disponível em: <https://x.com/2nvoltolini/status/1048257585734975490>); (c) @maiaa_carool (Disponível em: https://x.com/maiaa_carool/status/1580902925383368705); (d) @SavioElto (Disponível em: <https://x.com/SavioElto/status/1580899389488648193>); (e) @tasteviolence (Disponível em: <https://x.com/tasteviolence/status/1581113267178856448>). Acessos em: 27 jun. 2025.

transição do esforço para o descanso. Contudo, os enunciados mostram que esse ciclo não se completa: o trabalho invade o espaço da folga, e o lazer cede lugar à produtividade forçada. Assim, os dizeres revelam um descompasso entre o esperado (pela memória) e o vivido (pela pertinência). A latência da forma “sextar” é avivada justamente para denunciar esse desajuste, o que confirma sua capacidade de funcionamento como índice discursivo de um tempo socialmente construído.

O funcionamento do verbo como predicação autônômica se mantém. Os enunciados são mobilizados sem sujeito explícito, com “sextou” operando como verbo pleno, sustentado pela formação nominal “sexta” internalizada no predicado. A presença de complementos (“dando faxina”, “com muito estudo”) não compromete essa autonomia; ao contrário, reforça a plasticidade da forma, permitindo que ela acolha novos contornos sem perder sua função de marcador de temporalidade e expectativa social.

Do ponto de vista da pertinência enunciativa, os enunciados se apoiam na ironia e na crítica. Ao evocar o verbo “sextar” para narrar atividades laborais, os locutores estabelecem um contraste semântico entre o que a sexta deveria significar e o que ela, de fato, passou a significar para eles. Essa ironia só é possível porque a memória discursiva está inteiramente convocada: ela é a base sobre a qual se constrói o efeito de sentido.

Assim, a rede enunciativa 3 mostra como o verbo “sextar” pode funcionar como indicador de fratura no pacto social da semana. A sexta-feira não encerra mais o ciclo do trabalho; pelo contrário, ela o prolonga. Esse deslocamento da memória pela pertinência revela a dinâmica do sentido na enunciação: um

espaço de confronto entre o que foi sedimentado historicamente e o que se atualiza como experiência presente.

A enunciação, como acontecimento de linguagem, reorganiza traços de significações passadas em sua atualidade.

A seguir, apresentamos a quarta rede:

Quadro 4 – Rede enunciativa 4⁶

(a)	Todo mundo sextou ontem, menos eu
(b)	Hoje eu sextei dormindo num friozin de 15°
(c)	Bom diaaa sextou uma sexta-feira CARREGADINHA DE BOAS ENERGIAS
(d)	Um conhecido mudou pra Austrália e ele já tá sextando 
(e)	hoje até o dia sextou, tá escuro super cedo

Fonte: Elaboração própria.

A rede enunciativa 4 reúne enunciados como “Todo mundo sextou ontem, menos eu”, “hoje até o dia sextou” e “sextou uma sexta-feira carregadinha de boas energias”. Essa rede se destaca por uma operação enunciativa singular: a expansão da base de predicação autonômica para fora do predicado, o que revela a plasticidade sintático-semântica do verbo “sextar”. Enquanto, nas redes anteriores, o verbo aparecia majoritariamente em uso absoluto (sem sujeito expreso), aqui observamos a coexistência de estruturas com sujeitos externos (“todo mundo”, “o dia”, “um conhecido”) e de complementos com valor intensificador.

6 Exemplos retirados de: (a) @RamonFialho1. Disponível em: <https://x.com/RamonFialho1/status/1614250003551162368>; (b) @starboyLPrince (Disponível em: <https://x.com/starboyLPrince/status/1781695272956887220>); (c) @JoaquimKinkas (Disponível em: https://x.com/Joaquim_Kinkas/status/987257625229385729); (d) @benjathekidd (Disponível em: <https://x.com/benjathekidd/status/1654528772400459776>); (e) @gihmemo2 (Disponível em: <https://x.com/gihmemo2/status/137556049463979526>). Acessos em: 06 jun. 2025.

Essa duplicação da base, interna e externa, ilumina o que Dias (2018) chama de adesão enunciativa múltipla, ou seja, a capacidade de um enunciado atualizar simultaneamente referências internalizadas (formações nominais incorporadas ao verbo) e referências externas, em sujeitos que atuam como instâncias discursivas da memória. O verbo “sextar” continua abrigando a formação nominal “sexta” como suporte semântico, mas o enunciado a explicita também de forma exterior, como em “sextou uma sexta-feira...”.

No plano da memória discursiva, permanece o referencial da periodização, mas agora articulado de modo mais criativo. “Hoje até o dia sextou” personifica a sexta-feira, atribuindo-lhe agência. Já “um conhecido já tá sextando” e “todo mundo sextou, menos eu” revelam o caráter coletivo e experiencial dessa memória: sextar se partilha socialmente. Essas construções criam um campo de variação de perspectiva enunciativa, em que o sujeito do enunciado pode ser o locutor, os outros ou mesmo o tempo meteorológico (“o dia”).

Do ponto de vista da pertinência enunciativa, essa rede demonstra o quanto o verbo “sextar” se tornou sensível às movimentações subjetivas e circunstanciais do presente. O dizer, aqui, se organiza para expressar posicionamentos afetivos, frustrações, aspirações, identidades, sempre tendo a sexta-feira como eixo simbólico central. Isso reafirma que o sentido é um efeito de articulação entre a memória e a atualidade, não um dado prévio.

Essa rede, portanto, expande o entendimento da predicação autonômica, pois demonstra que a formação nominal internalizada no verbo não impede, mas antes autoriza e estimula outras formas de ativação da base predicativa no exterior do

predicado. Isso se traduz em uma multiplicidade de efeitos de sentido, em que “sextar” pode tanto operar sozinho quanto se articular com sujeitos nominais que reafirmam ou modulam a memória discursiva acionada.

A quinta rede será apresentada a seguir:

Quadro 5 – Rede enunciativa 5⁷

(a)	sextando linda
(b)	quase sextando , vem sexta , vem round6
(c)	boa noite, sextem mas com moderação
(d)	Ja estou arrependido de ter sextado
(e)	Sextou!!! Mas eu já tinha sextado desde quarta! 

Fonte: Elaboração própria.

A rede enunciativa 5 apresenta enunciados como “sextando linda”, “quase sextando, vem sexta” e “Já estou arrependido de ter sextado”. Essa rede evidencia a versatilidade morfossintática e discursiva do verbo “sextar”, cuja produtividade se expande para múltiplos contextos, tempos verbais, modos de dizer e modulações afetivas. Aqui, observamos uma ampliação das formas de realização da predicação autonômica, que ora aparece na forma gerundiva (“sextando”), ora em infinitivo, ora no pretérito (“ter sextado”), indicando que a formação nominal “sexta-feira” internalizada no verbo sustenta uma mobilidade temporal e discursiva que reconfigura continuamente sua pertinência.

7 Exemplos retirados de: (a) @sarahsdiary11 (Disponível em: <https://x.com/sarahsdiary11/status/1928586824731050104>. Acesso em: 06 jun. 2025); (b) @snoopydool (Disponível em: <https://x.com/snoopydool/status/1938343352577183904>. Acesso em: 27 jun. 2025); (c) @sapaprofana (Disponível em: <https://x.com/sapaprofana/status/1129524227865042945>. Acesso em: 18 out. 2024); (d) @maneldabio (Disponível em: <https://x.com/maneldabio/status/1921139585163104294>. Acesso em: 27 jun. 2025); (e) @dequeirozdeia (Disponível em: <https://x.com/dequeirozdeia/status/1700170615116705851>. Acesso em: 07 ago. 2024).

O que se destaca, nessa rede, é a plasticidade da memória discursiva, ou seja, sua capacidade de se rearticular em novos formatos expressivos. O referencial histórico da periodização ainda opera como base na significação, mas agora se soma a aspectos emocionais, identitários e metalinguísticos. Dizer “sextando linda” performa não apenas uma adesão ao tempo do lazer, mas também uma identificação com o estado afetivo ou estético do sujeito. Já enunciados como “sextem com moderação” e “me arrependi de ter sextado” revelam a apropriação crítica e irônica da memória social da sexta-feira como tempo de prazer e excesso.

No nível da pertinência enunciativa, os dizeres operam com deslocamentos e condensações que confirmam a atualidade da enunciação como palco de múltiplas filiações discursivas. Os sentidos não são dados nem previsíveis: são atualizados a partir da tensão entre o que se espera de uma sexta-feira (memória) e o que se vive, deseja ou nega (presente do enunciar). Essa tensão é o motor semântico dos enunciados, que performam ao mesmo tempo a repetição e a ruptura da regularidade. É o que Achard (1999) descreve como “julgamento de verossimilhança”, em que o locutor reconfigura sentidos memorizados com base em seu uso atual.

Do ponto de vista formal, a rede mostra que a predicação autonômica com *sextar* é compatível com variações aspectuais e temporais, indicando que o verbo adquiriu consistência gramatical e semântica suficiente para operar em diferentes moldes de predicação. O verbo mantém sua base de sentido mesmo quando deslocado para a forma nominalizada (“ter sextado”) ou preconizado (“quase sextando”), confirmando-se sua consolidação como unidade autônoma na materialidade do enunciado.

Em suma, a rede enunciativa 5 demonstra como “sextar”, partindo de um referencial de periodização, torna-se uma forma viva e plástica de dizer sobre o tempo, o corpo, o prazer e a expectativa, revelando a força da memória discursiva em constante reelaboração enunciativa.

Por fim, apresentamos a sexta rede:

Quadro 6 – Rede enunciativa 6⁸

(a)	Hoje o sextou é no árabe
(b)	Pior sextou é aquele que você está duro
(c)	Dezembro é a sexta-feira dos meses. É a ressaca moral do ano. É o sextou geral!
(d)	Andrei “emocore” Matias, o emo local que mais vezes foi para a Rua da Lama, em Vitória, no Espírito Santo, está deixando o sextou e não deve mais beber neste ano.
(e)	O sextou no governo Lula é assim: progresso e esperança para um Brasil melhor  BR

Fonte: Elaboração própria.

A rede enunciativa 6 apresenta enunciados como “Hoje o sextou é no árabe”, “Dezembro é a sexta-feira dos meses” e “O sextou no governo Lula é assim: progresso e esperança...”. Trata-se da rede que melhor expressa a nominalização plena do verbo “sextar”, com funcionamento semelhante a nomes de

⁸ Exemplos retirados de: (a) @talitismo (Disponível em: <https://x.com/talitismo/status/1933621804574388713>. Acesso em: 27 jun. 2025); (b) @eujrbarros (Disponível em: <https://x.com/eujrbarros/status/1938672548201263417>. Acesso em: 27 jun. 2025); (c) @edsantosfchawks (Disponível em: <https://x.com/edsantosfchawks/status/1074642036307959809>. Acesso em: 27 jun. 2024); (d) @dreimustdie (Disponível em: <https://x.com/dreimustdie/status/1932490496708129161>. Acesso em: 27 jun. 2025); (e) @lulaverso (Disponível em: <https://x.com/lulaverso/status/1933649956931256335>. Acesso em: 27 jun 2024).

evento, como “festa” ou “verão”. Aqui, o verbo já não opera apenas como predicação autonômica, mas como unidade lexical plenamente substantivada, ativando sentidos a partir de um campo semântico cada vez mais desvinculado da forma verbal canônica.

Essa mudança de estatuto revela um ponto crucial da semântica da enunciação: a latência da forma linguística (Guimarães, 1996) permite que um verbo possa transitar entre modos de existência, ativando diferentes posições discursivas conforme a situação de uso. “Sextou”, originalmente um verbo de predicação autonômica, torna-se agora um significante de tempo social e cultural, representando experiências, expectativas, frustrações ou mesmo políticas públicas. No enunciado “O sextou no governo Lula...”, observa-se claramente o atravessamento entre a memória discursiva da sexta-feira e a atualidade de um discurso político, construindo um efeito de paráfrase metafórica, como discutido por Achard (1999).

A memória discursiva da periodização continua a ser o eixo central da significação, mas opera, aqui, como símbolo de um ciclo maior. “Dezembro é a sexta-feira dos meses” exemplifica esse processo: o mês de dezembro, final de ano e início de recesso, é nomeado segundo o valor simbólico da sexta-feira, demonstrando o quanto o campo semântico do “sextar” se expandiu para além de seu referente imediato. A memória de um tempo limiar entre obrigação e liberdade foi redefinida como metáfora de transição mais ampla, seja para o mês, para a política ou para os afetos.

No plano da pertinência enunciativa, a plasticidade do termo “sextou” permite que ele opere como índice de experiência, local de afiliação simbólica e até como estratégia de *marketing*

político (“o sextou é no árabe”). Isso mostra como o dizer se constitui em tensão entre as regularidades da forma e as forças do presente. A forma “sextou” funciona como condensador de memória e operador de atualização. Seu sentido se atualiza por adesão ao que é dito, para quem e com que propósito.

Por fim, essa rede mostra que “sextar” já não é apenas verbo: é símbolo discursivo de um espaço social experiencial, um lugar na linguagem que abriga afetos, deslocamentos e projeções. Essa transformação confirma a hipótese da formação nominal internalizada que, ao ganhar circulação, se consolida como unidade discursiva autônoma, apta a funcionar fora do campo predicativo, mas ainda operando a partir dele.

Considerações finais

O estudo sobre o verbo “sextar” demonstra a complexidade da relação entre enunciação e memória discursiva. Por meio da análise de seis redes enunciativas, confirmamos que a significação não é estática, mas resultado da interação dinâmica entre o referencial histórico e a pertinência enunciativa.

O verbo “sextar” opera como um predicado autonômico, carregando a nominalidade de “sexta-feira” e ativando a memória social de periodização (transição trabalho/não-trabalho). Essa autonomia permite sentenças sem sujeito explícito, pois a base predicativa está internalizada no verbo.

As diferentes redes revelam a plasticidade do verbo “sextar”: ele pode expressar a frustração de expectativas (rede enunciativa 2), a ironia de continuar trabalhando (rede enunciativa 3) ou a personalização do evento com sujeitos explícitos (rede enunciativa 4). A versatilidade morfossintática (gerúndio,

particípio, imperativo) e a capacidade de ser nominalizado (“o sextou”) expandem ainda mais seu uso, mostrando a memória discursiva como uma “rede de traços de já-ditos” que se reorganiza continuamente.

Em suma, “sextar” transcende a função verbal, tornando-se um condensador discursivo que reorganiza a memória e atualiza os sentidos, revelando a língua como um espaço de confronto entre o sedimentado historicamente e a experiência presente da enunciação.

O estudo do verbo “sextar” evidencia a potência da enunciação como espaço de atualização da memória discursiva. A análise das seis redes enunciativas mostrou que o verbo, embora recente, já opera com alto grau de autonomia predicativa, funcionando de modo similar aos verbos de fenômenos naturais vinculados ao referencial histórico da periodização. O uso desse verbo confirma que a linguagem, em sua historicidade, é o lugar de movimento, disputa e criação de sentidos.

Referências

- ACHARD, Pierre. Memória e produção discursiva do sentido. *In: ACHARD, Pierre et al. Papel da memória*. Campinas: Pontes, 1999.
- BALDEZ, Diovana da Silveira. *O uso da marcação de gênero neutro no Twitter por uma perspectiva sociolinguística*. 2022. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Escola de Humanidades, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2022.
- CARNEIRO, Fernando P. *et al.* BERTweet.BR: a Pre-Trained Language Model for Tweets in Portuguese. *Neural Computing and Applications*, v. 37, p. 4363-4385, dez. 2024.
- DIAS, Luiz Francisco. Acontecimento enunciativo e formação sintática. *Línguas e Instrumentos Linguísticos*, Campinas, n. 35, p. 99-138, jan./jun. 2015.
- DIAS, Luiz Francisco. *Enunciação e relações linguísticas*. Campinas: Editora da Unicamp, 2018.
- DIAS, Luiz Francisco; NOGUEIRA DIAS, Thalita. Uma abordagem enunciativa das articulações predicativas de fenômenos da natureza: predicação autonômica. *Desenredo*, v. 20, n. 3, p. 585-605, set./dez. 2024.
- FOUCAULT, Michel. *L'archéologie du savoir*. Paris: Gallimard, 1969.
- GLASER, Barney G.; STRAUSS, Anselm. *The Discovery of Grounded Theory: Strategies for Qualitative Research*. Chicago, IL: Aldine Publishing Co, 1967.
- GUIMARÃES, Eduardo. Enunciação, língua, memória. *Revista da ANPOLL*, v. 1, n. 2, p. 27-33, 1996.

GUIMARÃES, Eduardo. *Semântica: enunciação e sentido*. Campinas: Pontes, 2018.

MAYER, Evelyn de Souza. *O discurso anticientífico brasileiro no ecossistema Twitter durante a pandemia de Covid-19: reflexões à luz da análise de discurso*. 2025. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Centro de Letras e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2025.

NOGUEIRA DIAS, Thalita. *Predicação autonômica: uma abordagem enunciativa*. 2022. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2022.

OLIVEIRA, Ana Larissa Adorno Marciotto; MARCIANO, Lucas Willian Oliveira. #Edaí: um estudo sobre impolidez e tomada de postura no Twitter brasileiro. *Revista Confluência*, n. 63, p. 199-221, jul./dez. 2022.

PÊCHEUX, Michel. Lecture et mémoire: projet de recherche. In: MALDIDIER, Denise (ed.). *L'inquiétude du discours*; textes de Michel Pêcheux. Paris: Éditions des Cendres, 1990. p. 285-293.

PÊCHEUX, Michel. Papel da memória. ACHARD, Pierre *et al.* *Papel da memória*. Campinas: Pontes, 1999.

SIGNORINI, Inês; LUCENA, Maria Inêz. Linguagem e economia política em ativismos no *Twitter* sobre o uso de “linguagem neutra”. *Revista da ABRALIN*, v. 22, n. 1, p.1-29, 2023.